

that these narratives portray different intersectional oppressions experienced by Black women and, at the same time, present strategies of insubmission practiced by them in order to survive in a structurally racist and sexist society. The study concludes highlighting that Black women's writing related to the denunciation of intersectional oppressions is fundamental for research in the field of racial and gender issues.

Keywords: Black Feminisms. Escrivivência. Racism. Sexism.

1 Introdução

Este artigo propõe-se a discutir as manifestações de violências raciais e de gênero vivenciadas pelas mulheres negras, utilizando como corpus de análise quatro contos do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo (2023). A obra, publicada pela primeira vez em 2011, apresenta treze narrativas que retratam diferentes trajetórias de mulheres negras em contextos de desigualdades. Escolhemos somente quatro histórias, reconhecendo as limitações do formato do artigo acadêmico, já que o estudo de todos os contos requer espaço maior de produção acadêmica, como uma monografia ou dissertação.

Na leitura dos contos, observamos que Evaristo aborda as violências interseccionais enfrentadas pelas mulheres negras que são protagonistas dessas narrativas. No entanto, ao mesmo tempo em que acompanhamos essas experiências marcadas pelas opressões, também percebemos as marcas da transgressão quando as personagens se autodefinem e escrevem suas próprias histórias frente aos sistemas de dominação. Neste contexto de lutas, o presente estudo busca responder à seguinte pergunta: De que maneira as violências raciais e de gênero atravessam as vidas das mulheres negras e quais são os processos de emancipação construídos por essas mulheres em textos literários de autoria feminina negra?

Deste modo, o objetivo principal desta investigação é analisar de que forma as violências raciais e de gênero atravessam a vida das mulheres negras, identificando seus processos de emancipação, a partir da análise de contos da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo. Os objetivos específicos desdobram-se em interpretar o texto literário como espaço de reflexão para mulheres negras; discutir os conceitos de escrevivências e escritas de si e, por fim, interpretar as violências interseccionais, bem como os processos de emancipação de mulheres negras nos contos selecionados da referida obra.

Assim, os caminhos metodológicos utilizados nesta investigação fundamentam-se na abordagem de natureza qualitativa, utilizando-se da pesquisa bibliográfica. Conforme elucidado por Antônio Gil (2002, p. 44), esta modalidade de pesquisa “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Considerando as diversas fontes que abrangem os livros de literatura, a pesquisa bibliográfica revela-se necessária para a construção da presente investigação.

O desenvolvimento deste estudo está estruturado em três etapas. Na primeira, apresentamos como as mulheres negras utilizam a escrita enquanto mecanismo de insubmissão às desigualdades interseccionais de raça e gênero. A análise baseia-se em pesquisas no campo dos feminismos negros e dos estudos raciais e de gênero, a partir de autoras como Kilomba (2019), Collins (2019) e Hooks (2017). Em seguida, são discutidos os conceitos de escritas de si e escrevivências – este último proposto por Conceição Evaristo (2020). Busca-se, ainda, demonstrar como a escrita é essencial para a construção do sujeito, apoiando-se nos estudos de Foucault (2009) e Miranda (1992), por exemplo. Por fim, a última etapa concentra-se na análise

dos processos de emancipação das mulheres negras presentes nos contos intitulados “Aramides Florença”, “Natalina Soledad”, “Mary Benedita” e “Rose Dusreis”, embasando-se nas pesquisas de Schraiber *et al.* (2023), Giacomini (1988), Botton *et al.* (2015), entre outros.

Neste artigo, buscamos demonstrar como os textos de autoria feminina negra são fundamentais para compreender as violências de raça e gênero, bem como para entender o funcionamento dos processos de emancipação construídos por essas mulheres. Além disso, pretendemos evidenciar as contribuições dessas obras para o avanço das pesquisas nessas áreas de estudos.

2 Escrita e insubmissão: o texto literário como espaço de reflexão das mulheres negras

Durante séculos, a ideia que temos de literatura ocidental estruturou-se em torno da elaboração de cânones literários, uma espécie de lista de principais obras e autores que contribuiu para criar uma imagem que cristalizaria a figura representativa do autor. Nessa concepção, e observando-se a lista do cânone, o autor, na maioria das vezes, seria um homem branco, ocidental e pertencente à burguesia. Vale ressaltar que poucas foram as mulheres incluídas – e, quando o foram, eram brancas.

Os conceitos de conhecimento, erudição e ciência, segundo Kilomba (2019), estão associados ao poder e à autoridade racial. É nesse processo que ocorre a invalidação da escrita de autoria feminina negra, sobretudo das mulheres negras que vivenciam tanto violências raciais quanto de gênero.

Sendo assim, não se pode negar que o espaço da autoria literária também se constitui como um lugar perpassado por exclusões sociais, sexismo e racismo. Por isso, faz-se necessária a revisão dessa ideia dentro da sociedade, pois pensar a contemporaneidade implica uma compreensão acerca das vivências das mulheres negras. Se durante muitos séculos elas sofreram com exclusões e tentativas de apagamento de seus corpos e vidas, cada vez mais vêm lutando e quebrando barreiras para firmarem-se ativamente em seus convívios sociais.

Nessa discussão, é importante considerarmos as contribuições do movimento feminista negro, um importante representante da luta contra as desigualdades de raça e gênero. Patricia Collins (2019), em seu livro *Pensamento Feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*, propõe analisar a importância desse pensamento enquanto teoria social crítica. A autora também afirma que “Enquanto persistir a subordinação das mulheres negras dentro das opressões interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade e nação, o feminismo negro como resposta ativista a essa opressão continuará sendo necessário” (Collins, 2019, p. 63). Assim, o feminismo negro é um movimento que contribui para a sobrevivência das mulheres negras em uma sociedade estruturalmente sexista, racista e classista.

No Brasil, referências como Lélia Gonzalez (2020), Sueli Carneiro (2019) e Luiza Bairros (1995) também denunciam o racismo e sexismo vivenciados pelas mulheres negras e, ao mesmo tempo, tecem críticas em relação ao feminismo branco/ocidental por excluir as experiências dessas mulheres em suas intervenções. Nesse sentido,

[...] o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão, além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade (Carneiro, 2019, p. 273).

Desse modo, podemos perceber que o feminismo negro apresenta, em suas perspectivas, questões fundamentais para refletirmos sobre o local que as mulheres negras ocupam no cenário brasileiro, pois, conforme menciona Collins (2016, p. 101), “O pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras”.

É nesse contexto de mobilizações teóricas e práticas que as pesquisadoras/autoras negras vêm denunciando a invisibilidade que é dada à sua intelectualidade e, conseqüentemente, a dificuldade em ter seu conhecimento reconhecido como válido. Bell Hooks (2017, p. 89) aponta que existe “[...] a produção de uma hierarquia de classes intelectuais onde as únicas obras consideradas realmente teóricas são altamente abstratas, escritas em jargão, difíceis de ler e com referências obscuras”. Isto se dá em razão de muitas mulheres negras escreverem a partir de suas experiências e também com uma linguagem mais acessível.

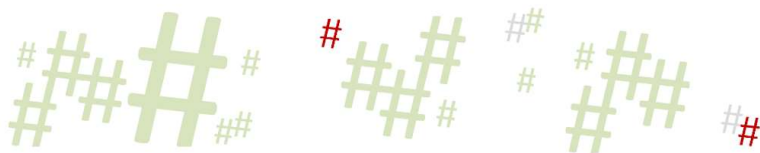
Nas palavras de Kilomba (2019), “[...] o sujeito ‘branco’ posiciona nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como a norma. Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico” (Kilomba, 2019, p. 51-52). Por isso, quebrar essa ideia, romper com um paradigma tomado ainda nos dias de hoje como verdade por muitos, vem sendo o trabalho árduo e incansável de inúmeras pessoas que divergem desse estereótipo, principalmente de intelectuais negras. E aqui, neste trabalho, trazemos a leitura de uma obra que tem como autora uma mulher negra.

Mesmo que não seja o intuito deste artigo pensar a luta pelo direito ao espaço de consolidação de uma literatura de autoria negra, é importante mencionar a inserção de Conceição Evaristo⁴ nesse espaço de resistência e fala. Nascida em Belo Horizonte/MG, em uma comunidade carente e periférica, filha de uma lavadeira, Conceição Evaristo fez do mundo da leitura e da escrita um lugar de fuga de uma realidade de pobreza – mas, acima de tudo, um lugar de revolução e resistência que veio a fortalecer sua subjetividade nas lutas que travaria ao longo da vida:

[...] hoje penso que se eu não escrevesse e não lesse intensamente nesse período, talvez tivesse adoecido. E falo adoecer no sentido de procurar outras formas de aguentar, de suportar a realidade. O que me salvou de um adoecimento, como quando minha irmã mais velha adoeceu, foi a escrita. A escrita e a leitura (Evaristo, 2020, p. 33).

A obra literária de Conceição Evaristo já rendeu inúmeras dissertações de mestrado, teses, TCCs, artigos científicos, ensaios e livros que circulam entre os pesquisadores tanto em formato digital como físico. De um primeiro levantamento, observamos que os temas mais recorrentes são a memória, o corpo, a vida das mulheres negras, a desigualdade de gênero, as desigualdades sociais, o conceito de escrevivência e a violência de gênero, todos perpassados pela questão do racismo e da afirmação da identidade negra. Essas temáticas são perceptíveis em todas as obras da autora, sendo, na verdade, um fio condutor que direciona o processo da escrevivência de Conceição Evaristo.

⁴ A título de fonte de pesquisa, sugerimos o portal LITERAFRO – o portal da literatura afro-brasileira, vinculado ao NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade –, da Faculdade de Letras da UFMG, cujo vasto material de estudos serviu de base para as informações aqui apresentadas sobre a autora. Nele existem inúmeros trabalhos sobre escritores e escritoras negras do Brasil. Outro portal que também contribuiu para este levantamento inicial foi o Templo Cultural Delfos, que traz mais de cem referências sobre a fortuna crítica de Evaristo.



É através da escrita e da educação que a autora transforma sua realidade, passando a ocupar espaços que, até então, a visão tradicional de literatura não permitira ser possível para uma mulher negra. Conceição Evaristo circula pelo ambiente acadêmico participando de seminários e congressos, levando a inúmeros pesquisadores da área de letras que se debruçam sobre sua obra o encantamento e a incrível capacidade de refletir sobre a estrutura social brasileira, extremamente fundamentada no racismo e na exclusão do povo negro.

Ao observarmos também os estudos de Kilomba (2019, p. 28), que reflete sobre a escrita como um ato político, vemos que a pesquisadora afirma que se transforma em sujeito através de sua escrita:

Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. [...] enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou.

Assim como Kilomba, Evaristo também se torna sujeito e retrata a realidade através da escrita. Nas suas palavras, “[...] ao registrar essas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência” (Evaristo, 2023, p. 11).

Desse modo, através da escrita, Evaristo vem transformando o texto literário em um lugar de insubmissão e de protagonismo das mulheres negras. Autora de inúmeros contos publicados pelos Cadernos Negros e livros publicados por editoras, Evaristo vem construindo uma vasta obra que se pauta na apresentação do povo negro através de sua própria voz. Nesse processo, a própria autora reconhece que a maioria de suas personagens são mulheres negras, havendo um número mínimo de homens representados, mesmo que não seja uma ação intencional.

Ao longo dos seus textos, incluindo aqueles que serão aqui estudados, Evaristo elabora a construção de um grupo de personagens que trazem consigo as dores e as marcas de suas lutas cotidianas. Para Eduardo de Assis Duarte (2020, p. 84), a escrita evaristiana se caracteriza como um projeto estético-ideológico e “afrogendrado”, ou seja, um projeto literário que parte da identidade afrodescendente, bem como de uma marca de afirmação e potencialização da mulher negra.

A escrevivência evaristiana é afrogendada, seja pela presença esmagadora de dramas e personagens femininos, seja pela explicitação das “vozes-mulheres” como lugar de pertencimento a construir a representação, mesmo em se tratando de figuras do sexo oposto, meninos ou adultos.

A partir das palavras de Assis Duarte, vislumbra-se que a intenção de Evaristo é dar resistência a partir das suas escritas. E, como a própria autora afirma, “nada que eu escrevo é inocente” (Evaristo, 2020, p. 40). A própria escolha de um número maior de personagens mulheres, a ausência de personagens brancas e o apagamento dos personagens homens são escolhas, mesmo que inconscientes, que permitem às mulheres negras o protagonismo através de seu texto literário.

Vale lembrar que o protagonismo das mulheres negras é um tema frequentemente discutido na teoria social crítica do pensamento feminista negro, pois um dos seus objetivos é empoderar as mulheres negras, considerando que, devido às opressões interseccionais (raça, gênero, classe), essas mulheres não desfrutam de empoderamento pleno (Collins, 2019). Percebemos, assim, que Conceição Evaristo constitui a literatura como espaço de denúncia aos

sistemas de dominação que colocam as mulheres negras em contextos de submissão e invisibilidade, rompendo com essa realidade ao colocá-las como protagonistas de suas próprias histórias.

Por sua vez, a saudosa Luiza Bairros (1995, p. 461) argumenta também, sob uma perspectiva feminista, que não existe apenas uma única identidade, uma vez que “[...] a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinada”. Nesse contexto, os textos literários de Conceição Evaristo não apenas apresentam as mulheres negras como protagonistas, considerando o apagamento histórico de suas contribuições, mas também retratam as diferentes experiências vividas por elas, interligadas pelas opressões convergentes já mencionadas.

Desse modo, é evidente que, por meio da escrita, as mulheres negras vêm construindo novos caminhos de insubmissão e criando um espaço de reflexão e apresentação de experiências permeadas por desigualdades. Serão esse protagonismo e as diferentes vivências os fios condutores da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, objeto de análise deste estudo, partindo ainda dos possíveis diálogos a serem estabelecidos a partir da noção de escrevivência.

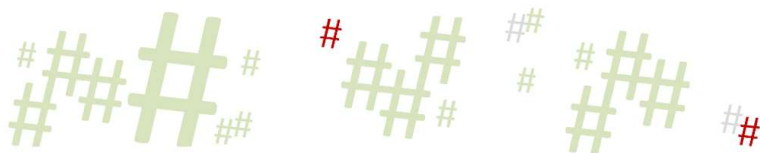
3 Escrevivência e escritas de si em Conceição Evaristo

Em seu livro *O que é um autor* (2009), Michel Foucault traz um vasto estudo acerca da presença e do processo de escrita que o sujeito fez sobre si ao longo da história. Nessa obra, mostra que escrever sobre si mesmo e sobre seu lugar no mundo não é um costume da recente sociedade burguesa, mas uma prática de autoconhecimento que acompanha o ser humano desde os primeiros séculos. Para tanto, ele parte das pequenas anotações diárias (*os hypomnemata*), onde a pessoa — no caso, um homem branco, já que dentro desse período da história o domínio da escrita estava reservado a essa configuração de pessoa, revelando assim uma sociedade de base racista e patriarcal — registra não somente suas impressões pessoais sobre o mundo e sobre si, mas também eventos e atividades do seu cotidiano prático.

Para Foucault (2009), essas anotações já trazem a semente do que concebemos como escritas de si, ou seja: textos que versam sobre o sujeito, sobre sua vida, subjetividades e relações traçadas em seu convívio social. Nesse sentido, pode-se compreender essas escritas como lugar de importância para a construção do sujeito ou, nas palavras de Foucault, como “veículo importante” para a “subjetivação do discurso” (Foucault, 2009). Nesse sentido, a intenção adotada neste artigo, a partir das leituras referenciais apontadas, é compreender as escritas de si como lugar onde a pessoa se constrói e (re)constrói – um espaço que se apresenta como uma possibilidade de ativação das potências que permitem, a cada um de nós, não sucumbir.

Wander Miranda (1992) lembra que, por terem nascido do individualismo burguês, as escritas de si focam na percepção individual do sujeito acerca do mundo; porém, ao mesmo tempo, “não invalida a importância literária da escrita do eu e, muito menos, a complexidade das indagações que afloram ao longo do seu desenvolvimento” (Miranda, 1992, p. 27). Outro ponto importante apresentado por este autor é o fato de que

[...] dada a impossibilidade da narrativa de restringir-se exclusivamente à focalização do eu que narra, este, ao desencadear a retrospectiva, olha não somente para si e para outros eus que com ele interagiram, e com os quais estabeleceu interações recíprocas, mas também para um determinado contexto histórico-geográfico, que pode ser objeto de maior ou menor interação (Miranda, 1992, p. 37).



É esta possibilidade de conexão com o contexto social que ultrapassa a escrita egótica, que nos interessa, pois é ela que possibilita uma aproximação entre o conceito de escrita de si e a escrevivência evaristiana. Mas, ao mesmo tempo, não esqueceremos a explicação metafórica apresentada pela própria autora, em uma palestra ministrada na Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 2019, sobre a diferença existente entre esses dois conceitos. Para ela, as escritas de si são o espelho de Narciso, egótico e egocêntrico, preocupado em compreender a si mesmo e a olhar-se continuamente em uma eterna contemplação. Já as escrevivências trazem o espelho de Oxum, refletindo as particularidades do individual e a sua relação com o coletivo. Poderíamos dizer ainda que o sujeito não se perde/morre nessa contemplação; ele “acorda para a vida”, ele resiste e reage.

As escrevivências surgem, assim, como lugar de construção de uma memória individual e coletiva do povo negro e como uma contrarresposta ao processo de “memoricídio” (Duarte, 2020) por ele sofrido. Por isso, a pessoa do discurso das escrevivências não é o “eu”, visto que é o “nós” que emerge, performando a ideia de uma coletividade irmanada na necessidade de resistência e sobrevivência diante de uma sociedade opressora e massacrante para a pessoa negra e, mais especificamente, nas escritas aqui analisadas, para a mulher negra.

Segundo Evaristo (2020, p. 30), a escrevivência

[...] se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também.

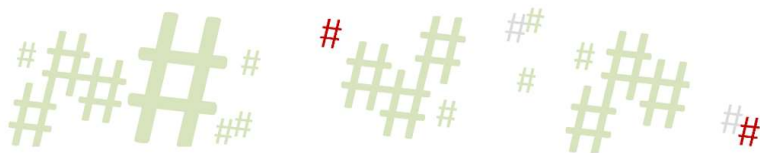
Portanto, o processo de escrita das escrevivências permite um lugar de ativação e de construção de emancipação de suas histórias e subjetividades. O espaço da escrita e a possibilidade de se verem retratadas em obras literárias reforçam a ideia de que escrever é resistir.

4 Violências raciais e de gênero em contos da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*

Como afirmado anteriormente, este estudo tem o propósito de analisar as violências raciais e de gênero, bem como os processos de emancipação vivenciados pelas mulheres negras protagonistas do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo. São treze contos, todos histórias de mulheres em suas lutas, dores e resistências. Esta análise concentra-se em quatro contos escolhidos por tratarem do objeto de estudo do presente trabalho: “Aramides Florença”, “Natalina Soledad”, “Mary Benedita” e “Rose Dusreis”, cujas vidas são atravessadas pelos sistemas de dominação, racismo, sexismo e classicismo.

Unindo todas as narrativas apresentadas, a narradora, uma mulher negra que viaja ao encontro de outras mulheres para ouvir suas histórias, apresenta ao leitor suas impressões e sentimentos que as histórias ouvidas lhe causam. A narradora evaristiana conduz a apresentação das personagens, mostrando ao leitor o impacto que a presença delas lhe causa, criando, assim, uma espécie de cumplicidade entre ambos, leitor e narradora. É dessa cumplicidade que nasce a ideia de que as histórias contadas seriam compartilhadas por ambos, como forma de guardar e perpetuar os relatos de vida daquelas mulheres.

Na análise dos contos, é importante mencionar que seus textos marcam principalmente as interseções de raça e gênero. Desse modo, tomamos também a interseccionalidade como



desejo dele. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. [...] E quando ele se levantou com o seu membro murcho e satisfeito, a escorrer o sangue que jorrava de mim, ainda murmurou entre os dentes que não me queria mais, pois eu não havia sido dele, como sempre fora, nos outros momentos de prazer (Evaristo, 2023, p. 17-18).

Conforme evidenciado, Aramides vivencia a violência sexual contra mulheres perpetrada por parceiro íntimo. Schraiber *et al.* (2023, p. 2) definem essa violência como “qualquer ato sexual ou tentativa de obter o ato sexual por coação ou força física”. Mesmo sendo uma forma mais extrema de violência de gênero, ainda não é amplamente reconhecida como tal. Nas próprias relações entre marido e mulher, quando ocorre a violência sexual, esta é vista como algo natural dos relacionamentos. Isso se deve à naturalização da coação sexual e ao medo, sentido por muitas mulheres, de serem abandonadas (Schraiber *et al.*, 2023) como aconteceu com a personagem.

Sabemos que historicamente as mulheres negras foram consideradas objeto sexual, sendo que essa violência tem raízes profundas na sociedade escravista e patriarcal que explorou sexualmente as negras escravizadas (Giacomini, 1988). Esse histórico ainda persiste no imaginário social brasileiro patriarcal e sexista, que continua a controlar os corpos das mulheres que enfrentam a dupla opressão de raça e gênero.

Mas há insubmissão em Aramides, pois ao se ver livre daquele homem, pode viver plenamente o seu maternar, criar vínculos com seu filho, amamentá-lo tranquilamente e vê-lo crescer livre das maldades que o pai poderia cometer. Sua vivência seguiria, ela e seu filho seguiriam.

Já em “Natalina Soledad”, Evaristo denuncia como os estereótipos de gênero e a solidão coexistem na vida das mulheres. Única filha mulher em sua família, Natalina enfrentou o desprezo de seus próprios pais, conforme ilustrado no fragmento a seguir:

Natalina Soledad, tendo nascido mulher, a sétima, depois dos seis filhos homens, não foi bem recebida pelo pai e não encontrou acolhida no colo da mãe. O homem, garboso de sua masculinidade, que, a seu ver, ficava comprovada a cada filho homem nascido, ficou decepcionado quando lhe deram a notícia de que o seu sétimo rebento era uma menina. Como podia ser? – pensava ele – de sua rija vara só saía varão! Estaria falhando? (Evaristo, 2023, p. 19).

Na transcrição acima, evidencia-se que as experiências com as violências de gênero têm raízes no seio familiar. Ela, nascida mulher, é vista pelo pai como reflexo da diminuição de sua virilidade, de sua potência de macho. Uma “filha mulher” dentro de um lar patriarcal é vista como menor, como “uma fraquejada” e, portanto, indigna de ser tratada com carinho e, até mesmo, respeito.

Desde o nascimento, segundo Botton *et al.* (2015), o bebê é exposto às construções sociais baseadas em aspectos biológicos que, sob a visão tradicional, descrevem a mulher como ser inferior e o homem como sujeito superior. Ainda de acordo com Silva (2010, p. 561), “[...] a cristalização de muitos dos conceitos de que o direito deveria estar a serviço dos homens,

a elas. Todavia, e por causa dessa ruptura, ela não estaria apta a cuidar de uma criança, a educar uma menina.

Assim, a percepção dos pais de Benedita sobre Aurora revela o machismo estrutural que ainda permeia a sociedade, principalmente direcionado àquelas que desafiam as normas pré-estabelecidas ao optarem por não casar ou não ter filhos. Além disso, na narrativa de Benedita que, de certa forma, converge com a trajetória de sua tia, observamos mulheres que buscaram, por meio da construção do saber, romper com as amarras dessa sociedade desigual.

Como é sabido, devido às opressões interseccionais, as mulheres negras enfrentam uma luta constante para alcançar espaços de transgressão, especialmente por meio da educação formal. Mary Benedita representa essa busca por emancipação. Além de ter se dedicado ao aprendizado de idiomas estrangeiros, ela descobriu uma paixão pela arte da pintura.

Seu talento a levou a se tornar uma artista reconhecida internacionalmente, como evidenciado nas suas palavras: “[...] Quadros, pintados por mim, veem ganhando destaques em mostras internacionais. Críticos de arte fazem diversos comentários sobre minhas pinturas” (Evaristo, 2023, p. 79). Esta trajetória ilustra o papel da expressão criativa na vida das mulheres negras. De acordo com Collins (2016), os movimentos feministas negros têm enfatizado a importância das expressões artísticas como meios fundamentais para a autodefinição das mulheres negras.

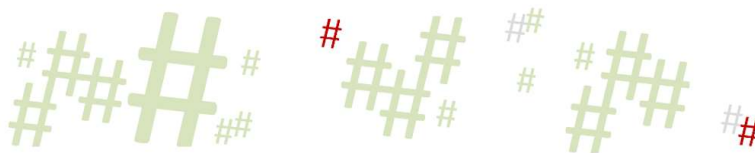
Estas formas de expressão têm contribuído também para a conscientização dessas mulheres no processo de oposição aos mecanismos de opressão. Assim, a insubmissão daquela pobre menina de família humilde a ajudou a romper com o seu destino e ousar estudar, ultrapassar as fronteiras de sua pequena cidade do interior e desbravar novos lugares, conhecer novas línguas e alimentar-se de uma vida repleta de aventuras e arte.

A história de “Rose Dusreis”, último conto selecionado para nossa análise, também traz marcas da violência racial e de gênero. Antes de se tornar professora de dança e balé, Rose enfrentou a frustração de ver seus sonhos negados diante de uma infância de extrema pobreza. Sua mãe, devido à morte prematura do marido, viu-se sozinha e preocupada com o sustento de suas filhas. Por isso, era impossível ver a dança como uma opção viável de carreira. E diante da situação financeira de sua família, Rose não pôde ter acesso às aulas particulares de balé oferecidas no salão da escola onde estudava.

Nesse contexto de negação, Dusreis vivencia também o racismo em seu ambiente escolar. Em um episódio que demonstra o racismo velado, relata ter ouvido de sua professora de dança, Atília Bessa, que “o seu físico não era apto para balé”. Ela, que só tinha oito anos, só com o tempo compreendeu o significado por trás daquelas palavras.

Ao afirmar que com o tempo assimilou o que foi dito por Atília, a personagem já nos conduz a outra experiência com o racismo vivida nessa mesma escola. Após ser convidada para interpretar a “bonequinha preta que cantava e dançava” na festa de final de ano da escola, passou por algo que marcou a sua vida, conforme transcrição que segue:

Os ensaios eram feitos no pátio da escola, depois da aula. [...] Confiantemente eu dava os primeiros passos de exibição para uma plateia. Um dia, a própria professora Atília Bessa veio assistir aos ensaios, que estavam sob o encargo de outra professora, e elogiou o meu desempenho, dizendo que eu tinha muito jeito para dança. Esperançosa, aguardei que ela me convidasse para ser sua aluna no balé. Aguardei não só o convite dela, mas a oportunidade de ser a bonequinha negra. E ainda esperei, também, alguma explicação sobre as razões da troca por outra menina. Aguardei o porquê da minha



substituição, já na semana da festa, quando uma menina branca, pintada de preto, no meu lugar, fingiu ser a bonequinha negra que eu era (Evaristo, 2023, p. 110).

O racismo, sendo um problema estrutural, está presente em todos os contextos, incluindo o ambiente escolar. Ele afeta as crianças negras, que muitas vezes não se sentem pertencentes a esse lugar devido ao preconceito e à discriminação que enfrentam. As práticas racistas não se limitam somente às interações entre as crianças, mas os próprios educadores podem ser também atores em práticas discriminatórias. Cavalleiro (2020, p. 19) destaca que

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros.

Assim, a narrativa de Rose Dusreis corrobora a maneira como a dualidade positiva/negativa atribuída a pessoas brancas e negras se manifesta no ambiente escolar, posto que ela foi substituída por uma menina branca pintada de preto, demonstrando também o *blackface*, prática racista que surge do contexto estadunidense, por volta de 1840. O *blackface* “[...] consistia na ‘caricaturação’ de atores brancos para interpretar personagens negros” (Silva; Rocha; Martins, 2022, p. 151).

É importante mencionar que a ausência de pessoas negras não era justificativa para o *blackface*. Na verdade, existia uma crença de que apenas pessoas brancas seriam aptas para atuar. Em consequência, surgiu a suposta necessidade de fantasiar os atores brancos como negros, “[...] performando uma representação estereotipada e pejorativa da raça, que a inferiorizava e a ridicularizava” (Silva; Rocha; Martins, 2022, p. 151).

Nesse sentido, por ser uma menina negra, Rose Dusreis foi impedida de ocupar um lugar constantemente negado às pessoas negras. No entanto, mesmo diante desse cenário, a menina Dusreis não desistiu de ocupar esse espaço da arte, pois

[...] nem as dores, as violências sofridas nessa época de infância, cuja compreensão me fugia, tiveram a força de me fazer desistir. A cada dificuldade que me era apresentada, a minha determinação crescia, apesar de... E, se Atilia Bessa não me aceitou, outros caminhos se abriram em minha direção (Evaristo, 2023, p. 110).

Conforme já dito, além de sobreviver ao racismo na escola, Dusreis tivera que enfrentar a morte do seu pai, a extrema pobreza, a condição de ver-se separada de suas irmãs, sendo levada para viver longe da sua família quando partiu para estudar, e o trabalho árduo em uma escola de meninas abastadas.

Um ponto importante, também citado no seu relato, é que sua mãe precisou trabalhar na casa de uma família formada por parentes distantes do seu pai. Nesse cenário, Dusreis relata que esse seria um nó familiar resultante do fato de que os homens da casa-grande seriam donos dos corpos das mulheres negras, uma vez que seu bisavô paterno era filho do Coronel Fontes dos Reis Menezes com a escrava que desempenhava as atividades de casa, considerada a mãe preta dos seus filhos.

Ao escrever sobre as mães pretas, Giacomini (1988, p. 57) sublinha que “A existência de mães-pretas revela mais uma faceta da expropriação da senzala pela casa-grande”. Enquanto as mulheres negras escravizadas cuidavam dos seus senhores, elas tinha a própria maternidade negada, pois, para que se tornassem mães pretas da criança branca, eram impedidas de serem mães de seus filhos pretos. Vemos que a história de Dusreis se entrelaça com esse contexto da colonização, já que sua mãe, embora tivesse levado a filha menor, ainda assim estava distante das demais para tentar sobreviver a essa sociedade racista, sexista e classista.

Mesmo que ocorram esses entrelaçamentos de dor nas experiências de vida de Dusreis, percebemos que a personagem, por meio dos estudos, teve a oportunidade de se transformar em uma professora de balé e, ainda, muitas vezes, na única bailarina de grupos nacionais e estrangeiros de dança. Transformou, assim, sua dor em um lugar de insubmissão contra os sistemas de dominação que tentam colocar as mulheres negras em contextos de desigualdades.

As histórias de “Aramides Florença”, “Natalina Soledad”, “Mary Benedita” e “Rose Dusreis” retratam como as violências raciais e de gênero encontram-se presentes na vida das mulheres negras e, simultaneamente, apresentam alternativas de insubmissão contra essas opressões. O texto literário de Conceição Evaristo carrega várias histórias que se entrelaçam e fazem parte da vida de muitas mulheres no cotidiano, tornando-se, por este e outros motivos aqui apresentados, uma importante coletânea para compreendermos as diferentes experiências das mulheres negras.

5 Considerações Finais

Esta pesquisa analisou as construções das violências raciais e de gênero em textos literários de autoria feminina negra, a partir dos contos da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo. O estudo buscou responder à questão: De que maneira as violências raciais e de gênero atravessam as vidas das mulheres negras e quais são os processos de emancipação construídos por essas mulheres em textos literários de autoria feminina negra?

Nesse sentido, os objetivos da pesquisa foram analisar de que forma as violências raciais e de gênero atravessam a vida das mulheres negras, identificando seus processos de emancipação, com base na obra citada anteriormente; interpretar o texto literário como espaço de reflexão para mulheres negras; discutir os conceitos de escrevivências e escritas de si; e interpretar as violências interseccionais, bem como os processos de emancipação de mulheres negras em contos selecionados da referida obra. Este estudo foi ancorado teórica e metodologicamente na abordagem qualitativa, através da pesquisa bibliográfica.

Na primeira parte, discutimos a exclusão das mulheres negras dos cânones literários, a invalidação de seus escritos e suas experiências frente às desigualdades interseccionais. Abordou-se a trajetória de Conceição Evaristo e como seus textos retratam as violências raciais e de gênero, consolidando-se como espaço de denúncia ao racismo e sexismo.

Em relação ao segundo tópico, apresentamos interpretações dos conceitos de escritas de si e escrevivência. Explorou-se o papel da escrita de si na construção do sujeito e da escrevivência como espaço de construção da memória individual e coletiva das pessoas negras.

Por fim, na última seção, investigamos as violências raciais e de gênero em quatro contos de Conceição Evaristo, evidenciando os entrelaçamentos das desigualdades raciais e de gênero na trajetória das protagonistas. Observamos também as estratégias de insubmissão das personagens frente às opressões de raça e gênero.

(Botucatu). 2023. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/icse/a/Lfwtxjp6sSWTHjVvZY4zVwH/?lang=pt>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SILVA, Sergio Gomes. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher.

Psicologia Ciência e Profissão, 2010, v. 30, n. 3, p. 556-571. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/rzhdT5gCxp8sfQm4kzWZCw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SILVA, Andressa; ROCHA, Flávia. MARTINS, Wálisson. O uso do blackface como prática pedagógica nos anos iniciais da educação básica. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. 61.1, p. 148-162, jan./abr. 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tla/a/bDwvHSWYyNFK4MkDxThV9zM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2024.

Recebido em janeiro de 2025

Aprovado em junho de 2025